

## **Cármén Miranda,**

### **Um Espetáculo, ou o destino e a força transformadora da migração?**



#### **Uma reflexão a partir do palco**

No passado dia 12 de fevereiro tive o privilégio de assistir ao espetáculo musical Cármén, no Teatro Politeama, em Lisboa, graças à iniciativa da AAUS (Associação dos Alunos da Universidade Sénior), que organizou a ida a este espectáculo de um grupo de alunos da Universidade Sénior de Vila Franca de Xira. Para além do convívio, fui surpreendido por uma produção de enorme qualidade: um espetáculo belíssimo, rigoroso, vibrante, interpretado por atores de grande talento e conduzido pela mão experiente e criativa de Filipe La Féria.

Mas, para além da vertente artística — que por si só já justificaria a ida — houve algo que me ficou a ecoar muito para lá do teatro. A história de Cármén Miranda, contada com tanta vivacidade, levou-me a uma pergunta simples, mas profundamente perturbadora: o que teria sido de Maria do Carmo Miranda da Cunha se os seus pais não tivessem emigrado para o Brasil?

A resposta, por mais que a imaginemos, não é difícil de antecipar. Maria do Carmo nasceu em Várzea da Ovelha, mais tarde Aliviada, uma pequena aldeia do interior norte de Portugal, no concelho de Marco de Canaveses — uma daquelas terras que, como se costuma dizer, “não vêm no mapa”. No ambiente rural e conservador da época, o destino de uma menina seria quase sempre previsível: pouca ou nenhuma escolaridade, trabalho doméstico e agrícola, forte vigilância moral, participação nos rituais religiosos e uma liberdade muito limitada, sobretudo para as mulheres.

Mesmo que alguém tivesse reconhecido nela um talento invulgar — e isso já seria um milagre — para onde poderia ir? Para o Porto, talvez, mas a cidade era então profundamente provinciana, mais dada a uma burguesia fechada do que a aventuras culturais. Lisboa? Possível, mas também longe de ser um centro cosmopolita. Como

mostram Eça de Queirós, Júlio Dinis e tantos outros pensadores e escritores da época. A sociedade portuguesa desse tempo era rígida, moralista e pouco aberta à ousadia feminina. Tudo indica que Maria do Carmo teria sido apenas mais uma jovem “bem-comportada”, moldada e limitada pelo seu meio.

Nada disto permitiria o nascimento de **Cármen Miranda**.

A transformação só foi possível porque houve movimento. Porque os pais emigraram para o Brasil e Maria do Carmo nem teve escolha, foi com a mãe num navio para se juntar ao pai. E, talvez também por sorte do acaso, porque a família passou a residir no Rio de Janeiro. Que cidade! Vibrante, culturalmente livre, musicalmente efervescente. Ou seja com todos os ingredientes para oferecer aquilo que Portugal não podia oferecer: espaço para crescer, para experimentar, para ousar.

Cármen Miranda é, antes de mais, um produto luminoso da migração. Da sorte, sim, tanto dos pais que teve, pessoas de mente aberta e tolerante como também da abertura, da mistura, da liberdade que só sociedades mais diversas conseguem proporcionar.

### **A migração como força criadora**

A história de Cármen Miranda é um caso exemplar do impacto transformador da migração. Sem ela, o mundo teria perdido uma das figuras mais influentes da cultura popular do século XX. E isto leva-nos a uma reflexão contemporânea: quantos talentos se perdem ou poderão perder hoje devido a políticas que restringem a mobilidade humana?

Num momento em que discursos anti-imigração ganham força — inclusive nos Estados Unidos, país construído por migrantes, pense-se na ironia — vale a pena recordar que figuras como Cármen Miranda só existiram porque houve movimento, mistura, abertura e oportunidade.

A migração não é apenas um fenómeno económico: é um motor de criatividade, inovação e diversidade cultural. Sem ela, o mundo seria mais pobre — e, no caso de Cármen, literalmente menos colorido.

### **Conclusão**

O espetáculo de Filipe La Féria não é apenas uma celebração artística: é um convite à reflexão sobre como o destino individual está profundamente ligado às condições sociais e históricas. Cármen Miranda tornou-se um ícone mundial porque teve acesso a um ambiente que lhe permitiu ser quem era. A aldeia onde nasceu não lhe teria dado essa possibilidade.

A sua vida lembra-nos que a mobilidade humana é uma força de libertação — e que, por trás de cada migrante, pode estar um talento que o mundo ainda não descobriu.

A história de Cármen é também um lembrete poderoso de que a mobilidade humana não é uma ameaça: é uma fonte inesgotável de riqueza cultural, social e humana. Sem ela, o Mundo seria mais pobre, mais cinzento, mais pequeno.

Termino com o meu agradecimento à AAUS por nos brindar com iniciativas sempre tão ricas e estimulantes.

*Póvoa de Santa Iria, 19 de Fevereiro de 2026*

*António de Azevedo Júnior*

## Sentir ABRIL

Não havia Pão, Luz nem Liberdade  
Quando Abril aconteceu  
Mas cautela, ó minha gente,  
Ainda há muitos com saudades  
E a escuridão não morreu!

Quando as portas Abril abriu  
A vinte e cinco, bem cedo  
Portugal veio p´ra rua  
Não houve fome, cansaço ou frio  
Só houve ...vencer o medo.

Tropas valentes, galhardas  
Que saíram dos quartéis  
Juventude com alma e brio  
Velhos os carros, velhas as espingardas  
Mas com cravos enfeitadas

...E Assim Nasceu ABRIL



Angelina Galinha

Abril de 2026

## “ERA PROIBIDO”

Excerto do livro de António Costa Santos

Editora Guerra e Paz

Livros CM



### Mulher trabalhadora

«O decreto-Lei nº 49 408, de 24 de Novembro de 1969, que regula o contrato individual de trabalho, consagrava um capítulo autónomo ao regulamento do trabalho das mulheres (artigos 116º a 120º) onde se previa um estatuto de subalternidade.

O contrato de trabalho celebrado com uma mulher casada era válido, mas concedia-se ao marido a possibilidade de se opor à sua celebração ou manutenção por razões poderosas (artigo 117º). Não se exemplificavam as «razões poderosas», pelo que valia tudo. «Pela razão poderosa de que não quero que ela trabalhe fora de casa» podia dizer-se.

As mulheres estavam impedidas de ter acesso a profissões como a carreira diplomática (artigoº 25 do Decreto-Lei nº47 331 de 23 de Novembro de 1966) e da magistratura, e certas profissões, como a de enfermeira e hospedeira do ar, além da de professora primária, em parte, implicavam a proibição de casamento. **Estas normas foram revogadas por decretos-lei em Junho e Julho de 1974.**

Foi nessa altura que, por exemplo, a enfermeira Nídia Salgueiro pôde assumir publicamente o seu casamento com um comerciante de Coimbra. Numa entrevista para a edição deste livro, a enfermeira agora aposentada, contava como esteve anos a ocultar o seu estado civil, com a conivência dos colegas nos Hospitais Universitários de Coimbra. Até depois do 25 de Abril, não averbou o estado civil, o nome do marido e a nova morada no bilhete de identidade, o que era por si só um crime, engravidou e foi mãe «solteira», o que era escandaloso à «época», e trabalhou, escondendo o facto de estar casada, na enfermaria-escola dirigida pelo director do hospital, sempre com a farda regulamentar, cuja saia devia terminar a 20cm do chão, recorde-se».

13-03-2026

Angelina Galinha

## FOMOS AO TEATRO

### “**TODOS PÁSSAROS**”



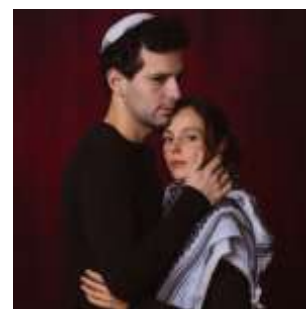
A 18 de Março fomos ao Teatro São Luís.

Assistimos a uma peça extraordinária, representada por atores portugueses fantásticos, de grande qualidade e vasta experiência, “**TODOS PÁSSAROS**”, uma peça escrita por Wajdi Mouawad e com encenação de Álvaro Correia.

Uma obra intensa, complexa e profundamente humana, que retrata as relações familiares e, de como isso pode ser para nós tão transformador.

Uma história com alguma carga emocional e política, onde se fala do amor.

Ficamos presos ao desenrolar da peça do primeiro ao último minuto, durante quase 2 horas e meia sem intervalo. Cansativa para alguns que preferem teatro mais leve.



A peça gira em torno de um casal, um judeu alemão e uma jovem de origem árabe, cuja relação amorosa é atravessada pelo peso do conflito israelo-palestiniano. Apesar do tema ser bastante atual, a peça foi encenada antes do conflito que existe agora no Médio Oriente.

A peça não foge de temas difíceis: guerra, identidade, religião e herança cultural e memória histórica. Mergulha nas contradições humanas, onde nos mostra que ninguém é totalmente herói nem vilão, e é nesta mistura poética e política de diálogos intensos que os espectadores ficam intelectualmente envolvidos, pois lida com os conflitos reais e dolorosos do mundo em que vivemos.

Os traumas da guerra não desapareceram, eles passam de geração em geração, moldam as decisões, os medos e os preconceitos.

E a história daquela família foi sendo construída sobre o silêncio, o ódio e a ocultação dos factos, e isso destruiu a noção da identidade de cada um, nas diversas gerações, mas, ... o passado não pode ser ignorado.

“o autor desta peça encontra um equilíbrio perfeito entre o global e o particular, ou seja, fala de uma guerra, mas a guerra acontece dentro de casa, no seio da família, e é devastadora em todos os sentidos. Seja aquela que acontece dentro de casa, seja aquela que acontece lá fora”

Na verdade, **“não somos apenas quem escolhemos ser, somos também aquilo que herdamos”**.

Uma peça que recomendo

Noémia Casimiro



Vamos exercitar o cérebro



As operações numéricas em baixo encontram-se incompletas, faltando os números que se encontram no retângulo. Coloque os números nos respetivos espaços de forma que os cálculos estejam corretos.

93	97	64	57	19	61
----	----	----	----	----	----

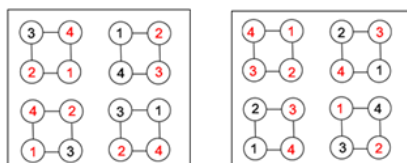
a)     ----     +     ----     =     118

b)     78     +     ----     =     ----

c)     ----     +     29     =     ----

Solução do exercício no próximo número do FOLHAS VIVAS

Solução do exercício FOLHAS VIVAS Nº 90



## Participação

José Morgado

Angelina Galinha

António Avedo Junior

Noémia Casimiro

# Folhas Vivas

## Corpo editorial

### Director:

- António Ramalho

### Corpo redactorial e coordenador:

- José Morgado
- Zí Menezes Reis
- Emília Lima

### Colaboração neste número

José Morgado

Angelina Galinha

António Avedo Junior

Noémia Casimiro

- ♦ -

Para críticas, sugestões e colaboração, contactar:



Tlf. - 21 953 30 50

Tlm. - 961 303 636

### Morada:

Palácio da Quinta Municipal  
da Piedade

2625-201 PÓVOA DE SANTA IRIA

### E-mail:

aausvfxira@sapo.pt

### Site:

www.aausvfxira.pt